

senhora sobre a rua onde vive há mais de 20 anos.

O jovem comerciante Luiz da Silva é nascido e criado no Taboão. Tal como Solange, viu mudanças do cotidiano e expressa, com orgulho, o conhecimento acerca do local e as suas experiências, quando “subia em todas as lajes e empinava arraia o dia inteiro”.

Na hora do baba, “arrancava os tampões dos dedos” junto com os colegas, enquanto no Carnaval participava, como quase todos os moradores, do bloco Trenzinho da Alegria (ou Trenzinho da Sacanagem, o nome varia de acordo com a formalidade). “Tinha arrastão quinta e sábado. Chegava até a Rua Chile e voltava pelo Terreiro de Jesus. Até 2014 os vendedores faziam uma reunião e organizavam”, lembra Luiz, que acompanhou também a transição dos donos das lojas, quase sempre dos pais para os filhos.

A história do nome Taboão é cheia de controvérsias. Há quem diga que resulta da quantidade de depósitos de tábua, enquanto outros afirmam que colocava-se madeira para exercer o papel de ponte e proteção nos dias de chuva.

No entanto, alguns pesquisadores encontraram vigas e suportes enterrados na região, como aponta o historiador Luiz Eduardo Dorea no livro *Histórias de Salvador nos Nomes das Ruas*. Isso indica que, há alguns séculos, pode ter, de fato, havido uma ponte.

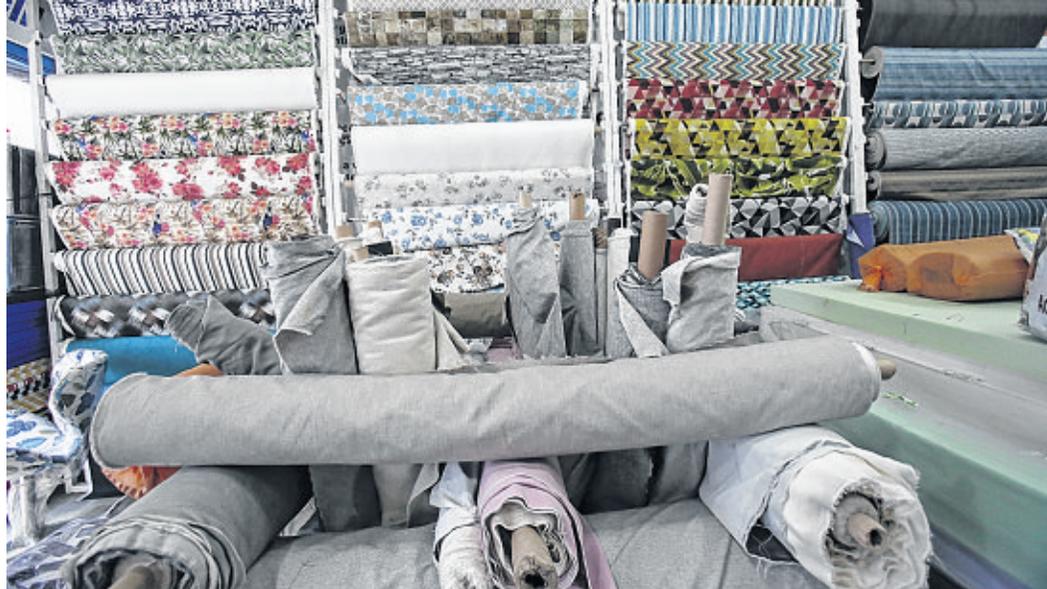
Durante muito tempo, a rua foi uma espécie de caminho alternativo para quem estava no Comércio e desejava chegar ao Pelourinho. As ruínas do histórico Elevador do Taboão alimentam a esperança da retomada do funcionamento.

Atualmente, alguns vendedores e moradores não recomendam transitar na ladeira que une a rua ao Comércio. “Ficou perigoso. Já tem um sinal para avisar aos gringos que passam por aqui e querem descer. Mas em grupo eles vão”, diz uma moradora, que preferiu não ser identificada.

## TECIDOS EM FOCO

Os produtos mais vendidos no comércio continuam sendo os tecidos, tapeçaria e outros materiais para estofados. Há 24 anos no Taboão, Valdemir Lopes, 42, empresário e dono de lojas na rua, fala que essa característica antiga é uma particularidade no contexto da cidade: “Nunca existiu um lugar em Salvador melhor que o Taboão para procurar borracha, espuma, colchão, cortina, persiana”.

Logo quando Valdemir se fixou no local, eram os chamados “serviços rápidos”, a exemplo de consertos de sofás, relógios e sapatos, que predominavam. “Dessas costuras feitas na hora, foi migrando aos poucos para as lojas de tecidos”, conta Valdemir, ao mes-



FOTOS MARGARIDA NEIDE / AG. A TARDE

**Lojas de tecidos dominam o Taboão, e Valdemir Lopes destaca os preços em conta**

mo tempo em que cumprimenta quase todas as pessoas que avista.

Segundo o empresário, o que diferencia a rua dos outros espaços, com atividades comerciais da mesma natureza, é o preço. “O único mercado que consegue competir é o de Feira de Santana”, compara.

Lojas no bairro do Caminho das Árvores chegam a cobrar o dobro do preço para o mesmo produto vendido no Taboão. Por exemplo, o metro do tecido suede, padrão médio, para estofamento de sofá, varia entre R\$ 69 e R\$ 76. Na rua do Taboão, esses valores diminuem e a oscilação é entre R\$ 30 e R\$ 35.

## QUANDO O SOL DESCANSA

Durante o dia, o cenário da rua é agitado. Vendedores, habitantes, turistas e passantes variados circulam de um lado para o outro. No meio do caminho, sempre há um tempinho para conversa. “Final de semana tem samba lá no Terreiro, viu?”, comenta uma jovem com outra, aludindo ao Terreiro de Jesus, antes de entrar numa das lojas.

No final da tarde, à medida que as portas das lojas são progressivamente fechadas e os vendedores e clientes tomam os seus rumos, o silêncio vai conquistando mais a ruazinha de paralelepípedo e iluminação parca. Até o ponto em que fica praticamente vazia. A vida noturna do Taboão, então, se dá nos ambientes caseiros, nos mistérios dos depósitos e nos níveis mais elevados dos demais caseiros, onde poucos sabem, efetivamente, o que acontece. «